



A Santa Sé

DISCURSO DO PAPA BENTO XVI AO CONGRESSO ECLESIAL DA DIOCESE DE ROMA

Basílica de São João de Latrão

Terça-feira, 15 de Junho de 2010

Queridos irmãos e irmãs!

Diz o Salmo: "Como é bom, como é agradável, viverem os irmãos em unidade" (Sl 133, 1). É precisamente assim: é para mim motivo de profunda alegria encontrar-me convosco e partilhar o muito bem que as paróquias e as outras realidades eclesiais de Roma realizaram neste ano pastoral. Saúdo com fraterno afecto o Cardeal Vigário e agradeço-lhe as gentis palavras que me dirigiu e o compromisso que quotidianamente dedica ao governo da Diocese, no apoio aos sacerdotes e às comunidades paroquiais. Saúdo os Bispos Auxiliares, todo o Presbitério e cada um de vós. Dirijo um pensamento cordial a quantos estão doentes e em particulares dificuldades, garantindo-lhes a minha oração.

Como recordou o Cardeal Vallini, estamos a empenhar-nos desde o ano passado, na verificação da pastoral ordinária. Esta tarde reflectimos sobre dois aspectos de primordial importância: "Eucaristia dominical e testemunho da caridade". Estou ao corrente do grande trabalho que as paróquias, as associações e os movimentos realizaram, através de encontros de formação e de confronto, para aprofundar e viver melhor estes dois componentes fundamentais da vida e da missão da Igreja e de cada crente individualmente. Isto favoreceu esta co-responsabilidade pastoral que, na diversidade dos ministérios e dos carismas, deve difundir-se cada vez mais se desejamos que o Evangelho alcance realmente o coração de cada habitante de Roma. Muito já foi feito, e por isso damos graças ao Senhor; mas ainda falta fazer muito, sempre com a sua ajuda.

A fé nunca pode ser pressuposta, porque cada geração precisa de receber este dom mediante o anúncio do Evangelho e de conhecer a verdade que Cristo nos revelou. Por conseguinte, a Igreja está sempre comprometida a propor a todos o depósito da fé; nele está contida também a doutrina sobre a Eucaristia – mistério central no qual "está contido todo o bem espiritual da Igreja, ou seja, o próprio Cristo, nossa Páscoa" (Conc. Vat. II, Decr. *Presbyterorum ordinis*, 5) – doutrina

que hoje, infelizmente, não é compreendida de modo suficiente no seu valor profundo e na sua relevância para a existência dos crentes. Por isso é importante que um conhecimento mais aprofundado do mistério do Corpo e do Sangue do Senhor seja sentido como uma exigência pelas diversas comunidades da nossa Diocese de Roma. Ao mesmo tempo, no espírito missionário que queremos alimentar, é necessário que se difunda o empenho de anunciar esta fé eucarística, para que cada homem encontre Jesus Cristo que nos revelou o Deus "próximo", amigo da humanidade, e a testemunhe com uma eloquente vida de caridade.

Em toda a sua vida pública Jesus, mediante a pregação do Evangelho e dos sinais milagrosos, anunciou a bondade e a misericórdia do Pai em relação ao homem. Esta missão alcançou o ápice no Gólgota, onde Cristo crucificado revelou o rosto de Deus, para que o homem, contemplando a Cruz, possa reconhecer a plenitude do amor (cf. Bento XVI, Enc. *Deus caritas est*, 12). O Sacrifício do Calvário é misteriosamente antecipado na Última Ceia, quando Jesus, partilhando com os Doze o pão e o vinho, os transforma no seu corpo e no seu sangue, que pouco a pouco teria oferecido como Cordeiro imolado. A Eucaristia é o memorial da morte e ressurreição de Jesus Cristo, do seu amor até ao fim por todos nós, memorial que Ele quis confiar à Igreja para que fosse celebrado nos séculos. Segundo o significado do verbo hebraico *zakar*, o "memorial" não é simples recordação de algo que aconteceu no passado, mas celebração que actualiza aquele acontecimento, de modo a reproduzir a sua força e a eficácia salvífica. Assim "torna-se presente e actual o sacrifício que Cristo ofereceu ao Pai, de uma vez para sempre, na Cruz em benefício da humanidade" (*Compêndio do Catecismo da Igreja Católica*, 280). Queridos irmãos e irmãs, no nosso tempo a palavra sacrifício não é apreciada, aliás parece pertencer a outras épocas e a outro modo de entender a vida. Mas ela, se for bem compreendida, é e permanece fundamental, porque nos revela com que amor Deus, em Cristo, nos ama.

Na oferta que Jesus faz de si mesmo encontramos toda a novidade do culto cristão. Na antiguidade os homens ofereciam em sacrifício às divindades os animais ou as primícias da terra. Jesus, ao contrário, oferece-se a si mesmo, o seu corpo e toda a sua existência: Ele mesmo em pessoa se torna sacrifício que a liturgia oferece na Santa Missa. De facto, com a consagração o pão e o vinho tornam-se o seu verdadeiro corpo e sangue. Santo Agostinho convidava os seus fiéis a não se deterem sobre o que tinham diante dos olhos, mas a olhar para mais longe: "Reconheci no pão – dizia – aquele mesmo corpo que foi pregado na cruz, e no cálice aquele mesmo sangue que saiu do seu lado" (*Disc.* 228 b, 2). Para explicar esta transformação, a teologia cunhou a palavra "transubstanciação", palavra que ressoou pela primeira vez nesta Basílica durante o IV Concílio Lateranense, do qual daqui a cinco anos se celebrará o VIII centenário. Naquela ocasião foram inseridas na profissão de fé as seguintes expressões: "o seu corpo e o seu sangue estão verdadeiramente contidos no sacramento do altar, sob as espécies do pão e do vinho, porque o pão é transubstanciado no corpo, e o vinho no sangue pelo poder divino" (*DS*, 802). Portanto, é fundamental que nos itinerários de educação das crianças, dos adolescentes e dos jovens na fé, assim como nos "centros de escuta" da Palavra de Deus, se ressalte que no sacramento da Eucaristia Cristo está verdadeira, real e substancialmente

presente.

A Santa Missa, celebrada no respeito das normas litúrgicas e com uma adequada valorização da riqueza dos sinais e dos gestos, favorece e promove o crescimento da fé eucarística. Na celebração eucarística nós não inventamos algo, mas entramos numa realidade que nos precede, aliás que abraça céu e terra e portanto também passado, futuro e presente. Esta abertura universal, este encontro com todos os filhos e filhas de Deus é a grandeza da Eucaristia: vamos ao encontro da realidade de Deus presente no corpo e sangue do Ressuscitado entre nós. Por conseguinte, as prescrições litúrgicas ditadas pela Igreja não são coisas exteriores, mas exprimem concretamente esta realidade da revelação do corpo e sangue de Cristo e assim a oração revela a fé segundo o antigo princípio *lex orando – lex credendi*. E por isso podemos dizer que "a melhor catequese sobre a Eucaristia é a própria Eucaristia bem celebrada" (Bento XVI, Exort. Ap. pós-sinodal *Sacramentum caritatis*, 64). É necessário que na liturgia sobressaia com clareza a dimensão transcendente, a do Mistério, do encontro com o Divino, que ilumina e eleva também a "horizontal", ou seja, o vínculo de comunhão e de solidariedade que existe entre quantos pertencem à Igreja. De facto, quando prevalece esta última não se compreende plenamente a beleza, a profundidade e a importância do mistério celebrado. Queridos irmãos no sacerdócio, a vós o Bispo confiou, no dia da Ordenação sacerdotal, a tarefa de presidir à Eucaristia. Tende sempre a preocupação pela prática desta missão: celebrar os divinos mistérios com intensa participação interior, para que os homens e as mulheres da nossa Cidade possam ser santificados, postos em contacto com Deus, verdade absoluta e amor eterno.

E tenhamos presente também que a Eucaristia, ligada à cruz, à ressurreição do Senhor, ditou uma nova estrutura ao nosso tempo. O Ressuscitado manifestou-se no dia depois do sábado, o primeiro dia da semana, dia do sol e da criação. Desde o início os cristãos celebraram o seu encontro com o Ressuscitado, a Eucaristia, neste primeiro dia, neste novo dia do verdadeiro sol da história, Cristo Ressuscitado. E assim o tempo começa sempre de novo com o encontro com o Ressuscitado e este encontro dá conteúdo e força à vida de cada dia. Por isso é muito importante para nós cristãos, seguir este ritmo novo do tempo, encontrar-nos com o ressuscitado no domingo e assim "levar" connosco esta sua presença, que nos transforme e transforme o nosso tempo. Além disso, convido todos a redescobrir a fecundidade da adoração eucarística: diante do Santíssimo Sacramento experimentamos de modo muito particular aquele "permanecer" de Jesus, que Ele mesmo, no Evangelho de João, põe como condição necessária para dar muito fruto (cf. *Jo 15, 5*) e evitar que a nossa acção apostólica se reduza a um estéril activismo, mas seja ao contrário testemunho do amor de Deus.

A comunhão com Cristo é sempre também comunhão com o seu corpo que é a Igreja, como recorda o apóstolo Paulo dizendo: "O pão que partimos não é a comunhão do corpo de Cristo? Uma vez que há um só pão, nós, embora sendo muitos, formamos um só corpo, porque todos participamos do mesmo pão" (*1 Cor 10, 16-17*). De facto, é a Eucaristia que transforma um simples grupo de pessoas em comunidade eclesial: a Eucaristia faz a Igreja. Portanto, é

fundamental que a celebração da Santa Missa seja efectivamente o ápice, a "estrutura portante" da vida de cada comunidade paroquial. Exorto todos a cuidar do melhor modo, também através de grupos litúrgicos apropriados, a preparação e a celebração da Eucaristia, para que quantos nela participam possam encontrar o Senhor. É Cristo ressuscitado, que se torna presente no nosso hoje e nos reúne à sua volta. Alimentando-nos d'Ele somos libertados dos vínculos do individualismo e, através da comunhão com Ele, tornamo-nos nós próprios, juntos, uma só coisa, o seu Corpo místico. Deste modo são superadas as diferenças devidas à profissão, à classe, à nacionalidade, porque nos descobrimos membros de uma única grande família, a dos filhos de Deus, na qual a cada um é concedida uma graça particular para utilidade comum. O mundo e os homens não têm necessidade de uma ulterior agregação social, mas precisam da Igreja, que é em Cristo como um sacramento, "ou seja, sinal e instrumento da união íntima com Deus e da unidade de todo o género humano" (Conc. Ecum. Vat. II, Const. *Lumen gentium*, 1), chamada a fazer resplandecer sobre todas as nações a luz do Senhor ressuscitado.

Jesus veio para nos revelar o amor do Pai, porque "o homem sem amor não pode viver" (João Paulo ii, Enc. *Redemptor hominis*, 10). De facto, o amor é a experiência fundamental de cada ser humano, isto é, que dá significado ao viver quotidiano. Alimentados pela Eucaristia também nós, a exemplo de Cristo, vivemos para Ele, para sermos testemunhas do amor. Recebendo o Sacramento, nós entramos em comunhão de sangue com Jesus Cristo. Na concepção judaica, o sangue indica a vida; assim podemos dizer que alimentando-nos do Corpo de Cristo acolhemos a vida de Deus e aprendemos a ver a realidade com os seus olhos, abandonando a lógica do mundo para seguirmos a lógica divina da doação e gratuidade. Santo Agostinho recorda que durante uma visão pareceu-lhe ouvir a voz do Senhor, o qual dizia: "Eu sou o alimento dos adultos. Cresce, e alimentar-te-ás de mim, sem por isso me transformar e senti, como o alimento da tua carne; mas tu transformar-te-ás em mim"(cf. *Confissões* VII, 10, 16). Quando recebemos Cristo, o amor de Deus expande-se no nosso íntimo, modifica radicalmente o nosso coração e torna-nos capazes de gestos que, pela força divulgadora do bem, podem transformar a vida de quantos estão ao nosso lado. A caridade é capaz de gerar uma mudança autêntica e permanente da sociedade, agindo nos corações e nas mentes dos homens, e quando é vivida na verdade "é a principal força propulsora para o verdadeiro desenvolvimento de cada pessoa e da humanidade inteira" (Bento XVI, Enc. *Caritas in veritate*, 1). O testemunho da caridade para o discípulo de Jesus não é um sentimento passageiro, mas ao contrário é o que plasma a vida em qualquer circunstância. Encorajo todos, em particular a *Caritas* e os Diáconos, a comprometerem-se no delicado e fundamental campo da educação na caridade, como dimensão permanente da vida pessoal e comunitária.

Esta nossa cidade pede aos discípulos de Cristo, com um renovado anúncio do Evangelho, um testemunho mais claro e límpido da caridade. É com a linguagem do amor, desejosa do bem integral do homem, que a Igreja fala aos habitantes de Roma. Nestes anos do meu ministério como vosso Bispo, tive a ocasião de visitar vários lugares onde a caridade é vivida de modo intenso. Estou grato a quantos se comprometem nas diversas estruturas caritativas, pela

dedicação e generosidade com que servem os pobres e os marginalizados. As necessidades e a pobreza de tantos homens e mulheres interpelam-nos profundamente: é o próprio Cristo que todos os dias, nos pobres, nos pede que lhe seja saciada a fome e a sede, visitado nos hospitais e nas prisões, acolhido e vestido. A Eucaristia celebrada impõe-nos e ao mesmo tempo torna-nos capazes de nos transformarmos, por nossa vez, em pão repartido para os irmãos, indo ao encontro das suas exigências e doando-nos a nós mesmos. Por isso, uma celebração eucarística que não faz encontrar os homens lá onde eles vivem, trabalham e sofrem, para lhes levar o amor de Deus, não manifesta a verdade que contém. Para ser fiéis ao mistério que se celebra nos altares devemos, como nos exorta o apóstolo Paulo, oferecer os nossos corpos, a nós mesmos, em sacrifício espiritual agradável a Deus (cf. *Rm 12, 1*) naquelas circunstâncias que exigem que se faça morrer o nosso eu e constituem o nosso "altar" quotidiano. Os gestos de partilha criam comunhão, renovam o tecido das relações interpessoais, orientando-as para a gratuidade e para o dom, e permitem a construção da civilização do amor. Num tempo como o actual de crise económica e social, sejamos solidários com aqueles que vivem na indigência para oferecer a todos a esperança de um amanhã melhor e digno do homem. Se vivermos realmente como discípulos do Deus-Caridade, ajudaremos os habitantes de Roma a descobrirem-se irmãos e filhos do único Pai.

A própria natureza do amor exige opções de vida definitivas e irrevogáveis. Dirijo-me em particular a vós, caríssimos jovens: não tenhais medo de escolher o amor como a regra suprema da vida. Não tenhais medo de amar Cristo no sacerdócio e, se sentirdes no coração a chamada do Senhor, segui-o nesta extraordinária aventura de amor, abandonando-vos com confiança a Ele! Não tenhais medo de formar famílias cristãs que vivem o amor fiel, indissolúvel e aberto à vida! Testemunhai que o amor, tal como o viveu Cristo e o ensina o Magistério da Igreja, de nada priva a nossa felicidade, mas ao contrário doa aquela alegria profunda que Cristo prometeu aos seus discípulos.

A Virgem Maria acompanhe com a sua materna intercessão o caminho da nossa Igreja de Roma. Maria, que de modo totalmente singular viveu a comunhão com Deus e o sacrifício do próprio filho no Calvário, nos obtenha que vivamos cada vez mais intensa, piedosa e conscientemente o mistério da Eucaristia, para anunciar com a palavra e com a vida o amor que Deus sente por todos os homens. Queridos amigos, garanto-vos a minha oração e concedo de coração a todos vós a Bênção Apostólica. Obrigado.

© Copyright 2010 - Libreria Editrice Vaticana